



A CLINICA SISTEMICA, SOB UM OLHAR REICHIANO

Andrea Paludo Tanello

RESUMO

A psicologia Reichiana foi pioneira em trabalhar a relação terapeuta paciente frente a frente para observar suas reações e expressões enquanto relatava sobre suas vivências, o terapeuta trabalha com o paciente promovendo uma flexibilização das coraças psíquicas e corporais. A psicologia Sistêmica trabalha os espaços de relação entre os familiares onde todos estão frente a frente, inclusive o/os terapeutas. A união destas duas abordagens permite trabalhar com as famílias de forma mais efetiva, possibilitando a aplicação de técnicas compartilhadas. Se faz necessária muita atenção por estar atuando e interagindo com mais de um indivíduo, embora devemos “enxergar” a família como um sistema único, não deve-se ignorar os traços individuais de caráter e cobertura.

Palavras-chave: Reichiana, Sistêmica, familiar.

.....

Quando se fala em psicologia corporal o primeiro nome que me vem à mente é Reich, depois Federico Navarro, que tive o imenso prazer de conhecer pessoalmente e ouvi-lo falar no seu português enrolado pelo sotaque. Vem-me a mente também, o Henrique e a Sandra que foram meus mestres na formação, a Bia, Maria Beatriz de Paula, pessoas que amam o que fazem e que tem um conhecimento imenso e falam com propriedade sobre o assunto.

Quando penso na Sistêmica, o primeiro nome que me vem à cabeça é Andiara, minha professora na formação, sabe muito também, através dela tive a oportunidade de conhecer pessoalmente o Molina e o Moises Groisman especialistas em psicoterapia familiar e de casais, ambos de renome, com vários livros editados.

E outros tantos nomes que são referencia em ambas as abordagens, não conseguiria citar todos de memória, e para evitar ser injusta não o farei.

A linguagem corporal esta intimamente ligada a nos, como a nossa pele ou o ar que respiramos, mostra muito além das nossas palavras, nossa posição no e perante o mundo que nos cerca. Imagine qualquer situação e nosso corpo estará la, como prova mais evidente da nossa existência. Nosso corpo é um



corpo mnêmico, sua memória é basicamente uma memória de emoção. O que as palavras não dizem o corpo não mente!

Ao fazermos a anamnese de um paciente somos criteriosos em colher informações para o projeto de atendimento, diagnóstico, prognóstico, enfim, salvo alguns detalhes específicos a ser pesquisados objetivando o foco de cada linha que se trabalha, no geral as informações são basicamente as mesmas.

Quando atendemos o paciente, ele além das queixas emocionais geralmente relata alguma queixa fisiológica, ao atender casal e família da mesma forma. Um paciente é um corpo, o casal são dois, e a família três ou mais. Digamos que um dos integrantes da família trás uma queixa de dores de estômago, não precisa necessariamente ser o paciente identificado. Pela análise da leitura corporal este paciente pode ter bloqueio no segmento diafragmático, mas não podemos esquecer que este é parte integrante de uma família, e analisando sistemicamente este em especial pode funcionar como o estômago da família, pois quando pensamos sistemicamente, é equivocado dizer que “este paciente esta doente” física e/ou mentalmente, a visão é de que a “família esta doente”.

“ A origem do corpo no que concerne ao pertencer certamente aceita, assim, representar o grupo-família, que por suas propriedades possui, entre outras, uma natureza que relembra profundamente o corpo fisiológico, onde os tecidos, órgãos e aparelhos são o protótipo do funcionamento sistêmico.”

Muito comum o membro da família que fez o contato inicial apontar que este ou aquele familiar tem problema. Pode ser um filho com dificuldades na aprendizagem e comportamento, ou casos de doença, ou luto, a razão pela qual se procura é importante, porém a leitura da dinâmica familiar e do casal que nos procura precisa ir além, é neste momento que a corporal se faz parceira, para aprofundar a leitura deste corpo familiar que pode adoecer, sofrer mutilações, mudanças temporárias ou definitivas. Que precisa aprender a ser resiliente, pois precisa também ser funcional, se esta disfuncional surge sintomas, e por ser um sistema sempre atinge os outros integrantes, uns mais



outros menos, depende do vínculo entre eles, do grau de diferenciação e depende da individualidade de cada um e de seu caráter e cobertura.

Genovino Ferri (1998), relata a cerca da existência de um “continuum” de variáveis que são relevantes na formação do caráter, e devem ser investigadas pelo terapeuta na aplicação da vegetoterapia. Dentre as doze variáveis, oito trata-se especificamente do segundo campo energético que é a família. Este conhecimento associado à sistêmica enriquece muito o trabalho, pois possibilita ao terapeuta abordar não somente as questões verbalizadas, mas também as couraças criadas no sistema familiar. Não é possível aplicar no “corpo familiar” a vegetoterapia, contudo é possível sim inserir alguns movimentos como o ponto fixo, trabalhando o olhar fixo ao companheiro, ou outros membros da família, muitas vezes não de forma literal, usando uma técnica da sistêmica chamada intensidade.

Algumas famílias/casais têm “caráter” esquizóide, outras narcisista ou oral, assim por diante, e apresentam também suas coberturas, como nos individualmente.

Reich diz que “cada organização social produz as estruturas de caráter de que necessita para existir”. Ele sempre se interessou e ocupou-se com a profilaxia das neuroses, se trabalharmos com as famílias que é o segundo campo energético, poderemos fazer a profilaxia das futuras famílias que se formarão, assim como estarão inseridos de forma mais saudável no campo social, que é o terceiro campo.

Considerando que o “corpo” em questão é toda a família, a configuração familiar pode ser assim, um a cabeça, outro o estômago, pernas, coração, metaforicamente teremos um corpo formado por outros corpos.

Como observa Cigoli (1992), “o corpo familiar, enquanto totalidade organizada excede o ser na sua particularidade”, por isto a atenção centra-se sobre as pessoas como membros de um corpo maior que o transcende, mas que ao mesmo tempo depende das simples ações individuais. Desta forma, o corpo familiar representaria o espaço das relações entre as pessoas e entre as gerações, que permite a experiência de compartilhar, o sentir-se parte de um corpo comum, assim como são comuns os valores aos quais aderir. Então, para Cigoli, o termo corpo refere-se tanto a um processo, aquele da incorporação de cada indivíduo no tecido geracional, quanto uma estrutura-condição, a organização histórica da família em torno das necessidades e dos comportamentos de cuidado. (ANDOLFI, 1996, p. 97)



A disposição dos pacientes na sala de atendimento é bastante significativa, quem senta ao lado de quem, afasta a poltrona ou aproxima, como são as distancias relacionais, se os lugares permanecem marcados nas sessões seguintes, como na mesa das refeições. Se há estase de energia, ou se permitida que tenha fluxo, que circule sem ficar estagnada nas articulações, pois os membros da família geralmente triangulam entre si, daria para dizer que os vértices formados no triângulo são as articulações do corpo onde a energia faz estase.

A forma como os familiares comunicam-se entre si e com o psicoterapeuta, verbalmente e analogicamente, mostra que em caso de incoerência das mensagens, as corporais são consideradas de qualquer forma mais autênticas. Por isto a importância de exercitarmos nossa visão periférica, pois é preciso observar a linguagem corporal, analógica dos familiares que estão ouvindo a fala de um dos integrantes da família, “um olho no gato e outro no peixe”.

Reich fala que não há como trabalhar o indivíduo sozinho, tem que trabalhar o espaço de relação, ele foi pioneiro ao falar de espaço de relação, destrutivos (peste emocional) e construtivos.

Um detalhe importante no atendimento é a participação das crianças, pois estas, por ainda não estarem encorajadas, principalmente os bebês, migram da cabeça ao coração livremente e trazem dados importantíssimos para os atendimentos.

Na Sistêmica usamos os objetos metafóricos, que ficam disponíveis na sala, e as crianças às vezes pegam, manipulam experimentam, e distribuem.

Numa situação específica, a filha de quatro anos entregou um microfone para a mãe, e durante a sessão desenhou espirais emaranhadas, e vez ou outra tirava o microfone da mãe e entregava ao pai. O casal buscava “ajuda” para a menina que estava muito “enfuzada”. Neste caso literalmente, já haviam consultado vários especialistas e por fim encaminhados a terapia, pois clinicamente a garota estava bem, e a conclusão foi de que a retenção das fezes era emocional.

Resumindo:

a mãe recebeu o microfone;



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TANELLO, Andréa Paludo. A clínica sistêmica, sob um olhar reichiano. In: JORNADA INTERESTADUAL DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, IV, 2011. **Anais.** Balneário Camboriú: Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-20-0]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

5

o pai também;

o desenho das espirais emaranhadas;

menina enfezada e enfezada;

No relato do pai, o casal se dava muito bem, pois nunca brigavam, sequer discutiam. Aqui existe um mito, o de que “Casal que se da bem, é aquele que não briga”. Fazendo uma leitura deste “corpo familiar”, havia um bloqueio no anel abdominal, pois nada era colocado para fora, além de haver uma repressão oral, havia traços masoquistas no pai, muita rigidez nos quadris, bunda apertada. Mas quem representava o intestino da família, aonde se instalava toda a merda, era a filha.

O desenho das espirais emaranhadas era a expressão projetiva do intestino, que eventualmente estava presente nos desenhos dela.

Os pais tinham, como qualquer casal, suas diferenças e dificuldades, porem não era discutido, porque o referencial de ambos era que discussão é uma coisa muito ruim, negativa, briga, e não a possibilidade de se chegar a um consenso após expor seus pontos de vista.

Na historia de vida da família de origem encontramos os modelos a serem repetidos, e/ou que gostaríamos fosse o oposto, portanto, tudo guardado, nada era reclamado=> sintoma na criança.

Esta por sua vez, sabiamente entregou a mãe e ao pai o microfone, fazendo-os compartilhar mandando um recado do tipo, “falem, acordem, desembucha...”

No inicio a intenção era realizar atendimento individual para a menina, ao ser sugerido que fosse familiar, aceitaram, eles não tinham o que temer afinal se davam muito bem, não tinham problemas, pois não brigavam.

Conforme o processo foi se desenvolvendo, a “merda” jogada no ventilador, o emaranhado de espirais foi desaparecendo, representando a melhora gradativa do sintoma físico, o casal desenvolveu uma nova dinâmica de comunicação, e toda “merda” não sobrava só para a filha.

“Precisamos ser um grande útero para toda a família”!

REFERENCIAS



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

TANELLO, Andréa Paludo. A clínica sistêmica, sob um olhar reichiano. In: JORNADA INTERESTADUAL DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, IV, 2011. **Anais**. Balneário Camboriú: Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-20-0]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

6

ANDOLFI, Maurizio. **A linguagem do encontro terapêutico**. Porto

Alegre:Artes Medicas, 1996.

Revista Psicologia corporal,vol. 6, Artigo A pratica da vegetoterapia caracterooanalitica, Curitiba: Centro Reichiano, 2005.

Andrea Paludo Tanello - é Psicologa, Orgonoterapeuta e Psicoterapeuta Sistêmica.

E-mail: andreapsic@brturbo.com.br

